



Miguel Ignatios*

Economia - Brasil

Dr. Pangloss no Planalto

Para os críticos, o futuro próximo não será tão tranquilo

GAZETA MERCANTIL 01 NOV 2005

Apesar da crise política, a economia do País deverá crescer cerca de 3% ou um pouco mais; no balanço de 2005 deverá exibir saldo positivo nas transações correntes de US\$ 50 bilhões (US\$ 35 bilhões da balança comercial, mais US\$ 15 bilhões de superávit primário), e sobretudo os juros talvez fechem o ano no patamar de 18%.

Ou seja, como diria o dr. Pangloss, personagem inventado por Voltaire para ironizar o excesso de otimismo, "vivemos no melhor dos mundos". Se, na ficção do filósofo francês, bastava um dr. Pangloss, no Planalto parece haver vários deles.

A atual safra de boas notícias parece ainda longe de terminar: a importação de máquinas está em alta, crescem os pedidos de financiamento no BNDES e os indicadores econômicos apontam deflação pelo quarto mês seguido.

O cenário, na visão dos otimistas, é tão favorável que o Planalto já projeta o gradual esvaziamento da crise política, contando para tal com o cansaço da opinião pública, que espera por punições exemplares, sempre dribladas por manobras legais de bastidores. Felizmente para o País, se no Planalto há vários conselheiros panglossianos, fora dele existem também alguns críticos que discordam do discurso oficial.

Em recente inauguração, realizada em Alagoas pelo presidente Lula, por exemplo, o governador daquele estado, Ronaldo Lessa, disse que "o ministro

Antonio Palocci é mais ortodoxo do que Pedro Malan".

Calcula-se, de fato, que as contas nacionais fechem o ano com o equivalente a US\$ 50 bilhões de saldo positivo. Essa é a parte boa. A parte ruim é que esse enorme superávit, conseguido à custa de sacrifícios, será usado apenas para pagar os juros das dívidas interna e externa.

Ou seja, o País entrará em 2006 sem ter abatido um centavo sequer do total que deve a credores internos e externos. Se o governo tivesse cortado gas-

O cenário, na visão dos otimistas, é tão favorável que o Planalto já projeta o gradual esvaziamento da crise política

tos de custeio, diminuído o número dos atuais 32 ministérios e das inúmeras secretarias e autarquias federais ou, pelo menos, descontada a deflação da taxa de juros, talvez sobrassem de R\$ 5 bilhões a R\$ 10 bilhões para investir na recuperação da infra-estrutura em 2006.

Para alguns críticos, o futuro próximo não será tão tranquilo como o governo imagina. O especialista em finanças públicas Raul Velloso previu, recentemente, em São Paulo, que o "milagre brasileiro de obter superávits fiscais crescentes vai acabar". Para Velloso, a receita obtida com a arrecadação de impostos, contribuições

e taxas federais estacionou em 16% do PIB desde 2002, porque a sociedade já não tolera a elevação da carga tributária.

Outro modismo em voga nos círculos palacianos: a boa gestão da economia tem feito o País crescer. Para o ex-diretor do Banco Central, Ilan Goldfajn, 80% da expansão do PIB, nestes quase três anos do governo Lula, "devem-se ao crescimento mundial e ao conseqüente excesso de recursos".

O que o governo Lula fez de bom, segundo Goldfajn, "foi não atrapalhar". Para o ex-diretor do BC, o câmbio flutuante e a política de superávits fiscais, iniciados no governo FHC, permitiram ao País desfrutar do crescimento mundial.

A questão central, a médio prazo, é se o atual cenário internacional, favorável aos países emergentes em razão do excesso de liquidez, vai ou não se manter em 2006. Ou seja, as possibilidades de reeleição do presidente Lula dependem mais do setor externo do que do interno.

Quanto à demanda por máquinas, a explicação é simples: parte do setor produtivo que tem reservas para investir decidiu antecipar a troca de alguns equipamentos. Em geral isso demora alguns anos. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde, com ou sem a reeleição de Lula, ela teria de ser feita.

* Presidente da Federação Nacional das Associações dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (FENADVB)